



GT 73. Religião e materialidades: novos horizontes empíricos e desafios teóricos

Coordenador(es):

Renata de Castro Menezes (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Rodrigo Toniol (Unicamp)

O objetivo desse GT é dar continuidade às discussões desenvolvidas na última RBA, a partir da constatação de que nas últimas décadas, há um crescimento do interesse e uma diversificação de abordagens teórico-metodológicas sobre materialidades, objetos e coisas que para alguns configuraria quase um subcampo disciplinar, com debates próprios, eventos específicos e publicações regulares a ele dedicadas. O propósito deste GT é reunir trabalhos dedicados às variadas formas de articulação entre religião e materialidades. Trata-se de dar centralidade às formas materiais de produção da experiência religiosa, apostando, com isso, na possibilidade de que novos horizontes empíricos e desafios teóricos sejam explorados. Entre outras questões possíveis, destacamos três que poderão orientar as reflexões dos trabalhos reunidos pelo GT. Primeiro, como a religião acontece na cultura material? Trata-se de enfatizar como imagens, objetos litúrgicos e devocionais, arquitetura e espaços sagrados mobilizam e são mobilizados em práticas religiosas. Segundo, como alguns objetos ocupam um lugar ambíguo — e controverso — na relação com a religião? Estátuas, obras de arte e templos históricos são apenas alguns exemplos daquilo que pode ocupar o centro dessa modalidade de relação entre materialidade e religião. Terceiro, como as variadas conformações de vínculo entre religião e materialidade também implicam em “formas sensoriais” diferenciadas da experiência com o sagrado?

Velas, flores e champanhe: objetos ritualísticos ofertados no túmulo da Cigana Kostichi em Vitória-ES

Autoria: Barbara Thompson (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

No cemitério público e monumental de Santo Antônio, localizado bairro periférico da cidade de Vitória -ES, uma lápide de cor amarelo ouro se destaca na paisagem fúnebre. Trata-se do túmulo da Cigana Kostichi, uma morta especial, visto que concede graças àqueles que lhe ofertam velas, flores, champanhe, cigarro, entre outros, em sua lápide. Assim, a entrega de oferendas sobre o túmulo é um ato central na constituição do ritual de devoção a Cigana. Esta devoção surge a partir do culto às almas dos mortos que é tradicionalmente realizado no Brasil, no Dia dois de novembro, nomeado como Dia de Finados, segundo a cosmologia católica. Assim, especialmente nesta época do ano, o cemitério se torna cenário de práticas religiosas. Neste contexto, o objetivo deste estudo é analisar as agências e significados dos objetos ofertados no ritual de devoção que ocorre no túmulo da Cigana. Dessa forma, indaga-se como a materialidade das oferendas é instrumentalizada pelos praticantes do ritual para acessar um ente espiritual, no caso, a Cigana Kostichi. Por outro lado, busca-se compreender como o espírito da Cigana se apropria dos objetos-oferendas para manifestar graças no mundo dos vivos?. O work utiliza Diana e Blanes (2014) para refletir acerca da pragmática dos efeitos, isto é, os efeitos dos espíritos na vida social, e o conceito de agência em Despret (2004). Assim, será possível revisar e atualizar a leitura de dados etnográficos sobre as oferendas presentes no culto à Cigana, ressaltando que tais dados foram coletados durante minha pesquisa de mestrado, desenvolvida em 2016. Em suma, práticas religiosas desenvolvidas no espaço do cemitério dissolvem as linhas que separam o mundo material dos vivos do mundo intangível dos mortos. Portanto, a oferenda entregue no túmulo é manejada pela religião e religiosidade para estabelecer diálogos com espíritos, os quais desenvolvem ações de transformação no mundo material.



Reunião Brasileira de Antropologia

SABERES INSUBMISSOS:
DIFERENÇAS E DIREITOS
RIO 2020

www.portal.abant.org.br/evento/rba/32RBA

ISBN: 978-65-87289-08-3

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: